

FORMAÇÃO DOCENTE NA INTERSEÇÃO COM A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ACOLHENDO A DIVERSIDADE NA FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DO PELOURINHO

TEACHER EDUCATION AT THE INTERSECTION WITH STORYTELLING' ART: EMBRACING DIVERSITY AT THE PELOURINHO INTERNATIONAL LITERARY FESTIVAL

SIMONE SILVA DE PAULA

Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, BA, Brasil
Graduanda em Pedagogia. E-mail: sipaulalitedu@gmail.com

ROSEMARY LAPA DE OLIVEIRA

Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, BA, Brasil
Doutora em Educação. E-mail: rloliveira@uneb.br

AINARA NASCIMENTO

Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, BA, Brasil
Graduanda em Pedagogia. E-mail: ainaranascimento249@gmail.com

BÁRBARA DE BRITO OLIVEIRA

Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, BA, Brasil
Graduanda em Pedagogia. E-mail: barbaramarilza@yahoo.com.br

Submissão: 07-11-2025 - Aceite: 19-01-2026

RESUMO: O objetivo do artigo é demonstrar a relevância de uma formação docente inclusiva no ensino superior na interseção com a arte de contar histórias em atividade formativa inicial, realizada no espaço informal de aprendizagem, a 9ª Festa Literária Internacional do Pelourinho (FLIPELO, 2025), com estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A metodologia adotada para atender ao objetivo consiste em descrever como foi realizado o momento formativo, discutindo a referida ação com epistemologia concernente à dimensão educativa da arte de contar histórias em diálogo com formação docente na contemporaneidade, assim como, discute-se a noção de inclusão na perspectiva das relações humanas presentes na pedagogia freiriana. Os resultados do estudo revelam que apostar em momentos formativos que possibilitem o encontro da universidade com a sociedade forma docentes mais preparados/as para lidar com a diversidade, assim como, adotar a contação de histórias como abordagem potencializa os encontros, o autoconhecimento, as relações humanas, e, conseqüentemente, a inclusão.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Contação de histórias. Inclusão.

ABSTRACT: The objective of this article is to demonstrate the relevance of teacher training at the intersection with the art of storytelling in an initial formative activity carried out in the informal learning space of the 9th Pelourinho International Literary Festival – FLIPELO 2025, with students of the Pedagogy course at Universidade do Estado da Bahia (UNEB). The methodology shows how the formative moment was carried out, discussing the action in relation to the epistemology concerning the educational dimension of the art of storytelling in dialogue with contemporary teacher training, as well as discussing the notion of inclusion from the perspective of human relations presented in Freire pedagogy. The results of the discussions reveal that investing in formative moments that allow the university to meet with society trains teachers who are better prepared to deal with diversity, and that adopting storytelling as an approach enhances encounters, the self-knowledge, human relations, and, consequently, inclusion.

KEYWORDS: Teacher training. Storytelling. Inclusion.

Introdução

Urge a busca pela inclusão na formação docente, porque a sala de aula é o espelho do mundo diverso socialmente e culturalmente, visto que reúne em um mesmo ambiente pessoas com emoções, pensamentos e comportamentos diferentes uns dos outros. No entanto, concordando com Montoan (2015) a respeito da inclusão, ainda há muito o que se conquistar, quando o que está em baila são práticas excludentes que ocorrem em espaços como a escola, as quais insistem em recortar a realidade, seja por meio do ensino curricular, que por vezes não proporciona a inter-relação entre as diferentes disciplinas, seja pela ideia equivocada que temos de inclusão, mesmo após a criação de uma legislação a respeito da educação especial, visto que continua afirmando o pensamento dualista, como se de um lado tivessem as pessoas ditas como normais, e do outro, os diferentes, vistos como assustadores, através apenas de suas pretensas incapacidades físicas, intelectuais e ou sociais. De acordo com Freire (2011), docente também aprende ao ensinar, e nessa relação dialógica, sugere que os estudantes também estejam aprendendo uns com os outros, visto que todos têm suas subjetividades e têm algo para trocar.

Para Nóvoa (2022), pensar a formação docente no contexto desse sistema escolar engessado, é continuar vendo a sala de aula como núcleo central de aprendizagem, com estudantes sentados em fileiras, com a falsa ideia de homogeneidade e seguindo currículos que não dialogam diretamente com as demandas da sociedade. Para esse autor, é preciso, nesse sentido, proteger e valorizar, tanto a escola quanto os docentes por meio não de uma destruição dos sistemas de escolarização, mas de uma metamorfose, sobretudo com a criação de novos ambientes educativos e formativos.

Nessa perspectiva, considerando a formação docente como um momento de reflexão em prol da transformação humana que ocorre em meio às partilhas de conhecimentos, nas trocas de experiências, pelo diálogo e pelas interações humanas, o presente artigo tem como objetivo demonstrar a relevância de uma formação docente inclusiva na interseção com a arte de

contar histórias em atividade formativa realizada no espaço informal de aprendizagem, a 9ª Festa Literária Internacional do Pelourinho (FLIPELO, 2025), no Espaço das Editoras Universitárias, que por meio da contação de histórias, tem promovido a produção científica, acadêmica e literária.

Nesse sentido, o presente estudo reflete a formação docente no Ensino Superior com foco de atenção para a arte de contar histórias, visto que segundo Matos (2014), a respeito da dimensão educativa da arte de contar histórias, contar histórias nos aproxima mais da essência daquilo que fomos criados para ser, ou seja, humanos, sobretudo por meio da unidade que as histórias possibilitam. Além disso, para além de uma proposta utilitarista e ou imediatista, a arte de contar histórias atinge o inconsciente e o imaginário de quem ouve as histórias, criando mundos possíveis, dentre eles, um mundo inclusivo em que as relações humanas podem ser harmoniosas, mesmo com àqueles considerados deficientes e ou anormais aos olhos do senso comum. Dessa maneira, a arte de contar histórias em diálogo com a formação docente é realizada no Núcleo de Iniciação à Docência (NID), um componente curricular do curso de Pedagogia, no Departamento de Educação (DEDC) I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ministrado pela professora doutora e contadora de histórias, Rosemary Lapa de Oliveira.

A metodologia adotada para atender ao objetivo consiste em descrever como foi realizado o momento formativo, discutindo a referida ação com epistemologia concernente à formação docente a partir das perspectivas de Nóvoa (2022) e Freire (2011), das considerações sobre inclusão fundamentada em Montoan (2015) e sobre cientistas que têm se debruçado na dimensão educativa da arte de contar histórias, tais como Oliveira (2024) e Matos (2014), tendo como recorte do texto em tela, a personagem da bruxa, presente em inúmeros contos de fadas. Afinal, de acordo com Benjamin (2020), o conto de fadas é o primeiro conselheiro das crianças, visto que possibilita que elas se reconheçam nos personagens, nos contextos e desse jeito elas vão se conhecendo melhor, dominando as próprias angústias e ou outras complexidades que envolvem a relação com elas mesmas e com as pessoas ao redor, sendo essa uma das dimensões educativas desta arte ancestral: promover o autoconhecimento e potencializar a harmonia e a inclusão nas relações humanas. Obviamente há outros personagens em histórias de outras culturas que promovem os mesmos aconselhamentos. O autor cita algo de seu campo cultural, o qual se apresenta de forma hegemônica no campo cultural brasileiro, daí a citação, mas, nem por isso, vamos incorrer no perigo da história única (Adichie, 2019), tomemos a reflexão do pensador apenas como um exemplo.

O presente texto está dividido em duas seções, a primeira, discute a formação docente inclusiva no Ensino Superior, na interseção com a contação de histórias, seguida da seção referente à metodologia, a qual busca descrever a atividade pedagógica realizada e dos resultados alcançados, seguido das considerações finais e das referências.

Formação docente inclusiva no Ensino Superior na interseção com a contação de histórias

A arte de contar histórias é uma prática antiga, que atravessou o tempo e permanece nos dias atuais. Conforme Sousa e Straub (2014), a arte de contar histórias faz parte da rotina dos profissionais da educação, podendo propiciar ações pedagógicas de forma interativa, lúdica

e inclusiva, sobretudo por meio do estímulo da leitura, que nos proporciona o encontro com outros mundos possíveis que estão presentes nas páginas dos livros.

Em outra perspectiva, para além de objetivos imediatistas e ou instrumentalistas desta arte ancestral que é contar histórias, pensando em sua dimensão educativa, Matos (2014) nos diz que as histórias despertam a imaginação, a magia e ajudam o/a ouvinte a criar soluções, a compreender conflitos, a ler o mundo e conhecer outras culturas, outros povos. Nesse ponto, cabe ressaltar, que o lugar do qual pensamos a arte de contar histórias é considerado como diferente de ler histórias, ainda que as duas formas de apresentar uma história sejam captadas pelos sentidos de quem as ouve. No entanto, interessa refletir que quando lemos uma história, temos o suporte do livro, e, por vezes, seguimos à risca o que as páginas nos dizem, diferentemente de quando contamos uma história, momento em que a mente está criando, “puxando” da memória, elaborando imagens mentais, valendo-se do corpo, da mão, da voz, do olhar, da escuta, para estabelecer a conexão com a audiência de maneira interativa. Por isso, no que tange à performance do contador de histórias, de acordo com Oliveira (2024), cabe ressaltar a importância de realizar uma preparação para o momento da contação de histórias, como por exemplo selecionar a história previamente adequando-a ao público, considerando faixa etária e ou outras especificidades, assim como, buscar conhecer profundamente a estrutura do conto, quem são os personagens, qual é o personagem principal, identificar o clímax da narração, e sobretudo, como termina a ação, buscando atentar-se ao tempo de duração da contação de histórias. Mesmo porque, dependendo da audiência, podem ocorrer interrupções ao longo da contação de histórias. Nesse momento, quem conta precisa estar preparado, encarar essas interrupções como um sinal positivo, de que a plateia está presente e atenta, e dessa maneira continuar interagindo com o público, de maneira leve e dialógica, contudo, concentrado no que pretende comunicar, para não perder o foco do que é o principal, a saber, a história.

Nessa linha, Giordano (2013) ensina que trabalhar com os contos deve ser facilitador de encontros e de relações interpessoais, para isso é preciso o máximo de conforto, pois trata-se de uma atividade cujo objetivo é integrar, criar unidade, prazer nas pessoas em estarem incluídas no ambiente. O autor diz ainda que educadores contadores de histórias devem ter uma relação baseada no prazer de poder apresentar um conto como uma porta para abrir o imaginário e também apresentar o mundo das diferentes culturas, pois se trata de oportunizar a apropriação da palavra do contador, dando sentido a ela e integrando-a em seu universo pessoal que ele chama de psicoafetivo. Nessa mesma perspectiva, Silva (2016) entende que o contador de histórias pode ser visto como um mediador da imaginação, criatividade e da constituição de si. Pois a mediação é compreendida como a relação da pessoa com o mundo e com as outras pessoas.

Tendo como base todos esses pressupostos teóricos no que concerne a uma epistemologia sobre a arte de contar histórias, interessa pensarmos no encontro que essa ação proporciona com a formação docente reflexiva, crítica, progressista, e, conseqüentemente, inclusiva, tendo como fundamento a pedagogia freiriana, no que diz respeito aos saberes necessários à prática educativa presente na obra de Freire (2011) intitulada *Pedagogia da Autonomia*. Este aporte teórico nos ensina que não há docência sem discência, ou seja, ensinar não é algo bancário, em que determinado conhecimento é transferido, e quem aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu está desclassificado, e geralmente rotulado como problemático e ou inapto socialmente. Mesmo porque de acordo com Montoan (2015), a respeito de como é possível realizar a inclusão em

espaço escolar, precisamos trazer sempre à memória que a escola é o espaço vivo de acolhimento, atendendo a todos de forma inclusiva, sem discriminar.

De acordo com Freire (2011), ensinar, nessa perspectiva, é de certa forma assumir riscos e rejeitar qualquer forma de rejeição e ou discriminação, em prol de uma formação inclusiva, visto que para esse autor, a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero e ou de qualquer outra forma de exclusão, ofende a essência humana, visto que fomos criados para a interação. No entanto, sabemos que tanto escolas como docentes precisam de uma metamorfose, e, sobre isso, Nóvoa (2022) relembra que o sistema escolar por si só acaba impossibilitando esse acolhimento, por que o/a professor/a se vê diante de avaliações excludentes nem sempre por ele/a idealizadas, de uma sala de aula que ainda comporta fileiras e um centro de atenção, geralmente o quadro das matérias que precisam ser copiadas e ou memorizadas, e o tempo de aula, que precisa estar dentro da uma hora ou minutos estabelecidos, tornando precária, não somente a prática docente, mas inclusive as próprias emoções das pessoas daquele espaço, afinal, como acolher se por vezes nem mesmo o/a próprio/a professor/a, dentro desse e de outros sistemas, é acolhido/a, valorizado/a, autônomo/a, saudável e ou incluído/a?

Por isso, no capítulo dois da Pedagogia da Autonomia, Freire (2011) relembra que ensinar exige consciência do inacabamento, conceito caro e presente nas reflexões freirianas, visto que onde há vida, há inacabamento, uma vez que a humanidade caminha junto, aprende junto na jornada da vida, em graus diferentes, mas não únicos. Afinal, como diz Montoan (2015, p. 7) a respeito da educação, essa é uma “expressão de amor verdadeiro pelo outro, pois educar é empenhar-se por fazer o outro crescer, desenvolver-se, evoluir”, e sobre a formação docente inclusiva, considera-se o humano em constante inacabamento, visto que estabelecer formas solidárias, harmoniosas e plurais de convivência é o constante desafio humano, dentro e ou fora da escola.

No capítulo três da Pedagogia da Autonomia, Freire (2011) aponta que ensinar é uma especificidade humana, na qual o saber ouvir é parte fulcral, quando se considera o escutar como o falar com as pessoas, e não para as pessoas. E quando se fala para o outro, a inclusão ocorre. Ademais, cabe ressaltar que segundo Oliveira (2025), contar histórias acima de tudo é a arte de saber ouvir as histórias.

Nessa linha, sobre a formação docente inclusiva na interseção com a contação de histórias, o artigo intitulado Contar histórias no atendimento educacional especializado: perspectivas contemporâneas, Pita e Oliveira (2022) discutem a contação de histórias no âmbito da educação inclusiva, compreendendo que as histórias proporcionam a interação humana por meio do diálogo, sobretudo por meio da escuta, uma vez que crescemos ouvindo pessoas e ambientes, e no que diz respeito à dimensão educativa dessa ação, sobretudo no atendimento educacional especializado, elas nos dizem que a prática é enriquecedora, proporcionando benefícios não somente na escuta, mas na linguagem, na imaginação, na socialização e na constituição da personalidade:

Além disso, por ser uma ação que engloba pessoas com e sem deficiência, se constitui como um espaço de interação importante entre estudantes. Quando oportunizamos aos estudantes ouvir histórias, podemos lançar mão das diversas contribuições que dela emanam, dentre outros aspectos, para o desenvolvimento da fala, interação entre os sujeitos, além de envolver o social e o afetivo (Pita e Oliveira, 2022, p. 127).

Ou seja, quando os estudantes têm a oportunidade de ouvirem histórias, eles colhem diversas contribuições para as suas relações humanas, como o desenvolvimento da fala, da interação com os colegas, além de envolver os aspectos sociais e afetivos, extremamente relevantes para as pessoas, sobretudo para as pessoas com necessidades especiais. Por isso, cabe ressaltar que compreendemos que falar sobre inclusão dialoga com a educação especial, na qual contar histórias, por exemplo, para crianças com espectro autista, requer um cuidado com os sons, por sua vez uma criança surda precisará de intérprete, e assim sucessivamente no que tange a um atendimento educacional especializado. Por isso, o recorte adotado no texto em tela diz respeito aos valores contidos em uma formação docente inclusiva.

Sendo assim, no que tange ao saber ouvir, pensando na arte de contar história, tendo a diáspora africana como berço, é interessante refletirmos sobre a tradição oral como herança, afinal, boa parte daquilo que sabemos nos foi passado de geração a geração, transmitidos de boca a ouvido (Kopenawa; Albert, 2015), uma herança que desempenha um papel crucial no imaginário das pessoas. Essa ligação entre o ser humano e a palavra se dá inclusive antes de se estabelecer algum registro do pensamento utilizando a escrita como ferramenta, afinal, na falta da escrita, as pessoas estão conectadas às palavras que pensam ou proferem, pois, o processo de recordar fatos que lhes foram narrados ou experiências pessoais, é como se fosse um segredo memorialístico, que pode ser repassado através da grafia ou da expressão verbal, como nos apontam os estudos de Hampâté Bá (2010).

Diante do exposto, a manutenção dessa tradição oral, por meio do boca a ouvido, seja narrando ou contando histórias, proporciona interações enriquecedoras, visto que segundo Matos (2014), a audição é o sentido que primeiro orienta a troca de experiências, mas, para isso, interessa pensar na formação docente, na qual o professor precisa ser qualificado, potencializando suas habilidades humanas e sociais, ter um imaginário ágil, flexibilidade, em prol de uma docência reflexiva e inclusiva. Por isso, quando se refere à urgência de uma metamorfose de escolas e de professores, sobre a formação docente, Nóvoa (2022) pensa a formação, sobretudo a formação inicial que é o recorte deste artigo, como não reduzida ao espaço das licenciaturas e da universidade. Para esse autor, é preciso criar novos ambientes de formação, um ambiente que possa articular universidade e sociedade.

Nessa linha, Oliveri et al. (2010) destacam que hoje se percebe que, em termos de formação profissional docente, não basta que se tenha o domínio dos conteúdos e dos saberes escolares. É necessário ter o acesso e domínio de outros conhecimentos e esquemas que não são aprendidos dentro da sala de aula, mas que são descobertos e apreendidos através da reflexão tanto sobre a prática docente, como também sobre as vivências, os saberes abrangentes, os didáticos e os transversais ligados à sua experiência de vida, às suas relações profissionais, familiares e sociais. Sendo que, nesse processo, docentes se constroem como sujeitos de sua prática e de seu conhecimento, gerado a partir da associação entre prática e teoria.

Por isso, uma maneira de pensarmos formação docente no encontro com a contação de história na formação do nível superior é através do Núcleo de Iniciação à Docência em Contação de Histórias (NID – Contação de Histórias) um componente curricular do curso de Pedagogia, no Departamento de Educação (DEDC), campus-I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nesse componente curricular, por vezes, é disponibilizado para estudantes três ou mais opções de experiências formativas específicas, conforme as pesquisas realizadas por docentes que oferecem o

componente em conjunto. Dentre essas experiências formativas encontra-se o NID de contação de história, que também se apresenta para muitos como uma porta de entrada no processo de encaminhamento, se assim tiverem interesse, de se tornarem contadores de histórias, o que passa também a ser uma forma de aproximar os discentes da literatura ou da oralitura, de maneira a contribuir para a formação de leitores no ensino superior, logo que, os livros podem servir de suporte, uma ferramenta para recordar algumas histórias já registradas através da escrita, para assim, poder pensar nas possíveis performances quando estiverem narrando ou contando alguma história. Além disso, essa disciplina ministrada no ensino superior, possibilita que os estudantes atuem em ligas acadêmicas como a Liga Acadêmica do Brincar e contar Histórias (LABRICH), ingressar em programas de iniciação científica voltado para pesquisar sobre contação de história, participar de eventos, desenvolver práticas pedagógicas comprometidas com a formação docente.

Metodologia: descrição das atividades realizada e resultados alcançados

A fim de demonstrar a relevância de uma formação docente inclusiva que estabelece conexão com a arte de contar histórias, alguns/mas estudantes do curso de Pedagogia da UNEB e atuantes da LABRICH estiveram presentes na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, nos dias 6 a 10 de agosto de 2025, no bairro do Pelourinho, Salvador - BA, realizando a 9ª edição da Festa Literária Internacional do Pelourinho (FLIPELO), festejando a memória e o legado de um ícone do Cenário cultural, tendo como homenageado do ano Alfredo de Freitas Dias Gomes, um homem que foi soteropolitano, dramaturgo e novelista.

A FLIPELO tem como objetivos principais estimular a literatura, principalmente entre os jovens, e preservar e valorizar a memória do escritor Jorge Amado, assim como a arte e a cultura da Bahia em todas as suas expressões, sendo um espaço em que a diversidade está presente. A FLIPELO, também se revelou como um grande evento de incentivo para as editoras baianas, para a poesia e para novos escritores, principalmente para os escritores independentes que residem em Salvador-Ba.

No dia 9 de agosto de 2025, no Espaço das Editoras Universitárias (FAMED), tivemos a oportunidade de desfrutar desse ambiente de forma colaborativa com outras ¹ propostas que também abraçaram a diversidade, visto que às 10h ocorreu uma mesa temática sobre corpo e decolonialidade, e às 15hs, aconteceu um outro debate inclusivo, desta vez, sobre as mulheres negras nas ciências. Nos horários de 9h e 14h, aconteceu a participação da LABRICH, representando a Editora da UNEB. A oficina de contação de história contou com um público diverso formado por crianças e adultos. A oficina teve a duração de uma hora, no período da manhã e tarde, com bastante dinâmica e interação.

No que diz respeito ao repertório, dentre inúmeras histórias, tivemos a prática do reconto, o qual pode ser compreendido como a reconstrução oral de um texto já existente. Sendo uma imitação a partir de um texto modelo, tendo como propósito adesão ao texto escolhido, respeitando seu tipo de linguagem, gênero, tema e a sua estrutura. Na reconstrução do texto, o que se propõe é a apropriação do texto modelo com pouca flexibilidade para criação e modificação.

O trabalho pedagógico de um reconto de um conto clássico, conforme Glossário da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), presente em (Reconto, 2025) pode ser

¹ Programação da FLIPELO, dia 09 de agosto de 2025, Espaço das Editoras Universitárias / FAMED, disponível em <https://flipelo.com.br/programacao/#programacao> acesso em 16 de janeiro de 2026.

desenvolvido da seguinte maneira: selecionar o conto, uma história escolhida pelo adulto ou pelas crianças, ambos justificando a escolha. Explorar o livro: capa, páginas, texto, letras, ilustração. Identificar conhecimentos prévios: explicitar o que conhecem, criar hipóteses, fazer antecipações sobre o que pode ou deve acontecer na história. Ler o conto para as crianças: fielmente, sem omissões ou adaptações, criando o que eles chamam de “clima de encantamento”, a partir de entonação, pausas, comentários, perguntas. Explorar alguns aspectos: nomes, modos de referência e descrição dos personagens, palavras interessantes, expressões “diferentes”, repetições. Na FAMED, no espaço do evento da Flipelô, tivemos a oportunidade de recontar o clássico conto infantil conhecido como João e Maria (Grimm, 2005), conto de fadas publicado pelos Irmãos Grimm no século XIX, sendo originária da tradição oral europeia, especialmente da Alemanha.

De acordo com Matos (2014) fundamentada na tradição oral africana e em Benjamin (2020) a respeito do contador de histórias, este pode ser considerado como os portadores de tesouros feitos de palavra, sendo a memória o principal local onde esse repositório fica guardado, ativando a criatividade por meio da oralidade e da imaginação. Por isso, cabe ressaltar que na atividade desenvolvida em nenhum momento utilizou-se o suporte do livro, visto que o que foi priorizado foi a contação de histórias nessa perspectiva.

Sobre o conto de João e Maria, de acordo com Benjamin (2020) podemos dizer que cumpre o papel de criar mundos possíveis, dar conselhos e ajudar a criança a resolver seus conflitos internos, como por exemplo, a prática desafiadora da inclusão, visto que, de acordo com Montoan (2003), pensamentos preconceituosos e ou ações excludentes em sua maioria são fruto de nossa mentalidade dual, que categoriza certo e errado, feio e bonito, bom e mau, igual e diferente, sendo a educação inclusiva uma possibilidade de se criar uma formação cidadã global, que valoriza as diferenças, livre de preconceitos.

Diante do exposto, interessa pensar na personagem da bruxa, presente não somente na história de João e Maria, mas no imaginário que permeia as relações sociais humanas, notadamente as eurocentradas, de onde vêm a dualidade: bruxa/fada. Sobre isso, Ramos (2025) se debruça sobre os livros infantis, dentre eles, a obra intitulada *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, Druce (2008), e a partir do conceito de imaginário a autora investiga como a literatura infantil contemporânea brasileira representa a personagem da bruxa, discutindo em seu trabalho como as características da bruxa mudam conforme as relações sociais. A autora argumenta que, na contemporaneidade, diferentemente da construção cultural europeia, que viam as bruxas como suspeitas, visto que em sua maioria elas não estavam de acordo com os papéis sociais impostos, sendo dignas de exclusão e na maioria das vezes, de perseguição e morte.

Sobre imaginário, fundamentada em Jung (2000), Ramos (2025) o compreende como elemento presente ao mundo interior e subjetivo do indivíduo, sendo esse composto por símbolos, imagens, mitos, arquétipos e conteúdos pessoais e coletivos, sendo ele “fundamental para a compreensão da psique humana, pois nele se manifestam os processos inconscientes e as experiências simbólicas que influenciam o comportamento e a forma como percebemos a realidade” (Ramos, 2025, p 41). Ou seja, os personagens contidos nos contos de fadas, de certa maneira permite a quem ouve e a quem conta, criar e conceber situações possíveis, que nem sempre fazem parte da realidade concreta, como por exemplo, incluir nas relações sociais a bruxa, por vezes vista de forma assustadora e ou negativa. Mesmo porque, segundo Ramos (2025), a

bruxa é uma personagem arquetípica, que simboliza, dentre outros elementos, a possibilidade de transformação, por ser uma figura multifacetada, que exerce fascínio e medo nas pessoas, ensinando sobre coragem, confiança e empatia. Nessa linha, o conto de fadas ajuda a regular emoções, apontando caminhos para os conflitos internos que fazem parte não somente do mundo infantil, mas da criança interior que todos nós carregamos.

Sobre os contos infantis que trazem a bruxa como protagonista, Ramos (2025) pensa nos aspectos físicos e sociais dessa personagem que estão em constante transformação histórica, social e cultural. Sobre o conto intitulado *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, escrito por Druce (2008), vemos a bruxa usando o chapéu pontiagudo e cônico, com nariz adunco e enverrugado, interagindo com animais vestidos de lealdade e amizade, indo contra a ideia que temos desse personagem, geralmente com visão social negativa, visto que a bruxa, mesmo com a aparência apavorante, vai estabelecer relação de amizade, à medida que vai convidando os amigos, representados pelos animais, para irem a uma festa. Para Ramos (2025, p. 79), “mesmo sendo uma figura incomum e diferente dos demais, a bruxa é acolhida e integrada ao grupo, o que ressalta a importância da união e da inclusão nas relações sociais. Os demais animais apresentam uma reação positiva em relação à bruxa, uma espécie de abrandamento do negativo”.

Nessa linha, uma das autoras deste artigo e estudante de pedagogia decide recontar o conto João e Maria, no qual a bruxa da referida história decide defender-se, explicando que não atraiu os irmãos perdidos e famintos para a sua casa feita de doces, eles é que foram procurá-la, e ao final, enganam a bruxa, queimando-a na lareira da casa e comendo todos os doces da anfitriã. O momento do reconto, foi um momento de interação, através de questionamentos lançados ao público, crianças e adultos, onde a história foi recriada em uma dinâmica participativa, lúdica e inclusiva, conforme imagens abaixo:

Figura 1 - Interação com a audiência



Fonte: arquivo pessoal das autoras

Figura 2 - A bruxa



Fonte: arquivo pessoal das autoras

No que diz respeito à formação docente inclusiva na interseção com a contação de histórias, a participação na FLIPELO 2025 corroborou com os pressupostos teóricos de Nóvoa (2022), visto que criou novos espaços formativos que promoveu o encontro entre universidade e sociedade, em um espaço no qual a diversidade está presente, como é o caso em tela.

Ademais, vivenciar momentos em que a contação de histórias seja o centro, performando, ouvindo, interagindo, utilizando a voz, o olhar, enfim, o corpo como forma de expressão, ajuda no desenvolvimento humano, potencializa as relações e possibilita o falar com, conforme nos aponta Freire (2010), a respeito dos saberes necessários à prática docente. Visto que a ação de contar histórias inclui todas as pessoas, desperta o imaginário, rompe estereótipos, além de despertar o contador de histórias que possa existir dentro de cada um de nós.

Além disso, a formação docente na interseção com a contação de histórias é uma possibilidade de dar conta das demandas sociais, investir na pesquisa sobre essa arte performática faz-se necessário à formação do profissional para atuar no campo da Contação de Histórias e é de grande importância, na medida em que auxilia sujeitos de forma coletiva e participativa no movimento de transformação de pessoas no exercício da profissão e na autoidentificação, um dos aspectos relevantes de abordagem na educação, segundo as orientações educacionais governamentais.

Segundo Lima *et al* (2020), investir na profissionalização do Contador de Histórias é formar sujeitos para atuação em espaços dinâmicos que vão desde a Educação Infantil ao Ensino Superior, nas modalidades que incluem a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Tecnológica e a Educação Especial, envolvendo a teoria e a prática. Para esse autor, a formação docente na graduação deve educar não somente para a academia, mas para a inserção social, do mundo, da vida e do contexto. Uma educação que trabalhe com os problemas reais. Dessa forma, a Universidade precisa se abrir para novos tempos, novos caminhos. Assim, participar do evento FLIPELO foi de extrema importância para formação docente progressista, crítica, imaginativa, transformadora e inclusiva.

Considerações finais

Refletir a contação de histórias em interseção com a formação docente, sobretudo no que diz respeito a uma educação inclusiva, é considerar que a essência dessa ação é potencializar os encontros entre humanos, alimentando o imaginário e ampliando as nossas possibilidades de

ser e de estar no mundo. Contar histórias é uma prática atemporal que tem atravessado gerações, presente em espaços tanto formais, como informais de aprendizagem. A referida prática já faz parte da práxis de professores tanto da educação básica, como no ensino superior. A arte de contar histórias desperta a imaginação, cria mundos possíveis por meio das histórias contadas, além de criar unidade.

Neste artigo, ressaltamos que ler uma história é diferente de contar uma história, ainda que nas duas formas conquista-se uma audiência por meio das imagens mentais que as histórias evocam. No entanto, quando lemos uma história temos ali o suporte do livro, lendo exatamente como está escrito, e ou mostrando as ilustrações dos livros, se houver, para a audiência, o que pode até induzir a imaginação da história. Por outro lado, quando contamos uma história sem o suporte do livro, valendo-se do corpo, da voz, dos gestos, é possível ativar a memória, criar novas imagens mentais e até mesmo fazer pequenas alterações no texto, de forma a interagir com o público, tendo o cuidado de não alterar totalmente a narrativa, assim como, criar, mas sem se perder no tempo. Por isso, ao longo deste artigo trouxemos autores/as, que além de pesquisadores e ou professores, são também contadores de histórias, as quais é possível recorrer caso o leitor do texto em tela deseje conhecer mais e mais sobre a arte de contar histórias.

Nessa linha, o presente texto teve como foco demonstrar a relevância de uma formação docente inclusiva na interseção com a arte de contar histórias em atividade formativa inicial realizada no espaço informal de aprendizagem, a 9ª Festa Literária Internacional do Pelourinho (Flipelô, 2025), com estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nesse contexto, a arte de contar histórias em diálogo com a formação docente é realizada no Núcleo de Iniciação à Docência (NID), um componente curricular do curso de Pedagogia, no Departamento de Educação (DEDC) I ofertado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A proposta formativa de criar novos ambientes educativos e formativos possibilitou o diálogo entre a universidade e a sociedade. Verificou-se que a proposta tem formado docentes mais hábeis para lidar com a diversidade, visto que estar em ambientes informais de aprendizagem treina o professor a lidar e a acolher situações e ou pessoas diversas. Sobretudo, quando contamos histórias sobre os contos de fadas, considerado como um dos primeiros conselheiros das crianças, sejam elas adultas, ou não, afinal, todos carregamos uma criança interior, que nunca deixa de gostar de ouvir histórias.

Por isso, na 9ª Flipelô, dentre inúmeros outros contos, foi contada a história da bruxa da narrativa conhecida, João e Maria. Mas, desta vez, a bruxa do conto aparece de forma amigável, visto que foi apresentado para a plateia um reconto deste clássico infantil, buscando desmistificar essa ideia negativa, em prol da inclusão. Sobretudo, tentando romper a visão dualista que fazemos, consciente e ou inconscientemente, sobre o bem e o mal, feio e bonito, normal e ou anormal, concepções que por vezes potencializam mais e mais o preconceito, a visão única de uma história, reforçando estereótipos, e, conseqüentemente, atrasando a inclusão.

Compreendemos que a visão maniqueísta (bem x mal) de contos tradicionais ocorrem para que possamos perceber e vivenciar as emoções separadamente para que possamos entendê-las e ressaltamos a importância desses contos, porém, com a necessidade de fomentarmos uma sociedade mais inclusiva, cabem recontos modernos que retratem outras perspectivas como a versão da bruxa, por exemplo. Dessa maneira, optar pela abordagem da contação de histórias, por

meio dos arquétipos contidos nas histórias, como por exemplo, o arquétipo da bruxa, é possível quebrar estereótipos, romper preconceitos, assim como, criar ambientes mais acolhedores, visto que a arte de contar potencializa os encontros, o autoconhecimento, as relações humanas, e, consequentemente, a inclusão.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. Trad. Patrícia Lavelle. 2 ed. São Paulo: Hedra, 2020.

DRUCE, Arden. **Bruxa, bruxa venha à minha festa**. Ministério da educação, FNDE, PNBE, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 42ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIORDANO, Alessandra. A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 21, n. 22, p. 26-45, 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 05 nov. 2025.

GRIMM, Jacob. **João e Maria**. In:.. Contos dos Irmão Grimm. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. (p. 60-72)

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África. P. 167-212. Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2ª Ed. Brasília: UNESCO, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo, 1875-1961**. Tradução: APPY, Maria Luiza; SILVA, Mariana Ferreira da. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um Xamã Yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, Valéria da Silva. *et al.* Contação de histórias: formação, atuação e ensino. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 2, p. 1-16, 2020. DOI: 10.15628/rbept.2020.11325

MATOS, Gislayne. **A palavra do contador de história: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Summus, 2015.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador SEC/IAT. 2022.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. **Chegou a hora de contar histórias**. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2025. E-book. 79 p. DOI 978-85-85813-44-4. Disponível em <https://saberaberto.uneb.br/items/d6fc6a07-bf9c-4bdc-ba5b-396d2af34878>. Acesso em: 4 jul. 2025.

OLIVERI, Andressa Maris Resende *et al.* Como se forma o professor pesquisador? Primeiras aproximações a partir de um estudo de caso. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 293-311, jul./dez. 2010.

PITA, Jaqueline Sousa Santos; OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. Contar histórias no atendimento educacional especializado: perspectivas contemporâneas. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 31, n. 68, p. 117-129, out./dez. 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.21879/faceba2358-0194>

RAMOS, Rosalva de Oliveira. **Feitiços hodiernos: o imaginário da bruxa na literatura infantil contemporânea**. Dissertação (Mestrado acadêmico em Letras e Cultura) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de PósGraduação em Letras e Cultura, Caxias do Sul, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/14628/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Rosalva%20de%20Oliveira%20Ramos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 out. 2025.

RECONTO, 2025. **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/reconto#:~:text=Reconto%20%C3%A9%20a%20reconstru%C3%A7%C3%A3o%20oral,%2C%20uma%20not%C3%ADcia%2C%20entre%20outros>. Acesso em: 24 ag. 2025.

SILVA, Carla Elisabete Cassel. **A contação de histórias na extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6617/2/DIS_CARLA_ELISABETE_CASSEL_SILVA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 22 ag. 2025.

SOUSA, Franciele Ribeiro de; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel. A arte de contar histórias na Educação Infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.5, n.2 (11. ed.), número regular, p. 122 - 131, jun./jul. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/082310064/Desktop/dpd,+122-131+franciele+sandra+.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2025.